

Brasil

As cartas de Rondon a Villas Boas

■ Correspondência inédita revela que marechal confessou a indigenista ter errado ao tentar 'civilizar' índios da Amazônia e Cerrado

ANTONIO XIMENES

Agência JB

SÃO PAULO — O marechal Cândido Mariano Rondon (1965-1958) entrou para a história como o militar que conseguiu desbravar as fronteiras do Cerrado e a Amazônia, no início do século, tratando com dignidade e respeito as nações indígenas que encontrou pelo caminho. O sertanista Orlando Villas-Boas, hoje com 83 anos de idade, é o homem que deu um novo rumo na política indigenista no ocaso da Era Rondon. Foi Villas Boas, na companhia de seus irmãos Cláudio e Álvaro, que sepultou a idéia inicial de Rondon — antropológica e culturalmente incorreta — de que os índios precisavam era de *civilização*. Os contatos que fez na expedição Roncador-Xingu, no final dos anos 40, inauguraram essa nova abordagem, segundo a qual a integridade física e a cultura dos índios mereciam ser preservadas.

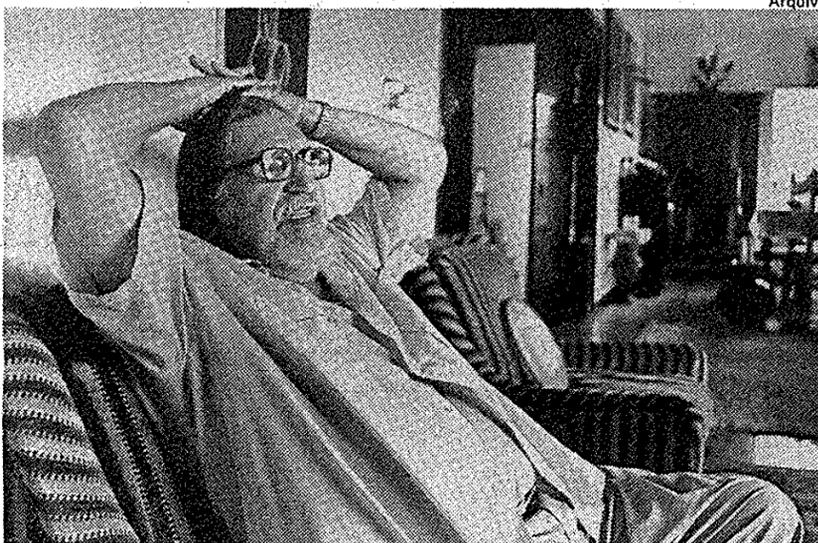
O que não se sabia era que Rondon e Villas Boas trocaram uma extensa correspondência entre os anos de 1947 e 1955 na qual o marechal, já octogenário, admitia que a abordagem dos irmãos Villas Boas é que era correta. As cartas, divulgadas por Orlando Villas Boas com exclusividade para o JORNAL DO BRASIL, datam de fevereiro de 1947 a julho de 1955 e evidenciam a aliança entre as duas gerações de sertanistas. "Guardei essas cartas por 50 anos", diz Orlando Villas Boas, que resolveu divulgá-las "para retomar a discussão sobre o futuro das nações indígenas".

Tratamento — Margem esquerda do Rio Coluene, acampamento Calapalo, Mato Grosso, 1947. Orlando Villas Boas recebe a primeira carta de Rondon. Sem rodeios, o marechal escreve que recebeu notícias do tratamento dispensado pela expedição aos índios da região. "Acabo de receber das mãos do Dr. Noel Nutels a notícia sobre o tratamento que os patricios têm prestado aos Cuicuru e aos Calapalos. Tomei nota também da morte do chefe indígena Izarari, causada por forte gripe e da carência alimentar, que deve ter concorrido para as 24 mortes dos índios locais. Também soube do nobre sacrifício que vocês fizeram de seu próprio alimento para minorar a situação desses índios". Este fato, segundo o sertanista, serviu como alicerce para o relacionamento entre eles. Acampamento do Xingu, abril de 1948. De próprio punho, Rondon derrama-se em civismo e recomendações de proteção aos índios na carta que Orlando Villas-Boas considera como a mais importante de todas. "Além de ter nos emocionado profundamente serviu como incentivo decisivo para a nossa caminhada no sertão", lembra o sertanista. A carta:

"Aos irmãos Villas Boas. Sua carta (Orlando) de 1º do mês findo trouxe-me bela impressão da patriótica missão que os meus caros-compatriotas estão desempenhando nos confins do Oeste do Brasil Central, no serviço da República. O funcionário do Museu Nacional, o Dr. Pedro Lima, entregou-me uma bela coleção de artefactos indígenas que vieram enriquecer o nosso pequeno mostruário etnográfico em organização. Por tão valiosa cooperação peço receberem os meus civis agradecimentos. É escusado acrescentar que tenho a esperança de continuar a receber novos artefactos de outras tribos, ou mesmo dessas, das quais me enviaram a pri-



Depois de anos tentando 'civilizar' os indígenas, Rondon aderiu, como atestam suas cartas, à tese antropológica dos Villas Boas



Orlando Villas Boas: cartas vão reabrir discussão sobre o futuro das nações indígenas

meira remessa. O exemplar da cerâmica dos Waurá impressionou a todos que o viram. É sabido que essa tribo é especialista nesse gênero de indústria doméstica. Faço ardentes votos para que os meus dignos amigos e companheiros da Causa Indígena continuem a bem servir nossa pátria nos trabalhos a cargo da Fundação Brasil Central."

Mas o marechal Rondon não estava seguro quanto à conduta dos outros membros da expedição. Esse receio evidencia-se num trecho da carta: "Permitam-me que recomende-lhes todo cuidado na escolha do encarregado e trabalhadores que hajam de ficar nesse acampamento, quando tiverem de continuar a marcha para frente em

busca da Coletoria do Tapajós. Os senhores conhecem bem os costumes dos nossos trabalhadores. Homens sem cultura moral, em geral, não respeitarão as famílias dos índios, quando se virem sós, sem fiscalização superior. Essas tribos do Xingu até bem pouco tempo viveram felizes, isoladas da pseudo civilização — que os meus caros amigos sabem existir — pelos representantes dela que penetram o sertão, desrespeitando as famílias dos índios. Confio na dedicação de vocês no cumprimento do dever. Serei feliz se continuarem a dispensar amor ao índio e à grande causa nacional, a que o Serviço de Proteção ao Índio e o Conselho Nacional de Proteção aos In-

dídeos dedicam o seu destino. Aqui, neste posto da República e da pátria, me encontrarão sempre pronto a servi-los fraternalmente. Velho amigo, Cândido Mariano da Silva Rondon".

Equívoco — Villas Boas conta que Rondon, depois de tentar trazer os índios para a civilização, entendeu que estava equivocados. E passou a lutar para que se mantivessem as culturas indígenas intactas, longe da curiosidade e da ambição do homem branco. "Ele nos deu a liberdade para traçar uma nova política indigenista. Neste momento percebemos que deveríamos ficar junto com as tribos e foi o que fizemos. Dois anos antes de sua morte, ele me deu um retrato dele feito a mão e me disse: Orlando, guarde como sinal do meu respeito e afeto. É o que eu mais gosto", lembrou o sertanista.

Como a cartografia do relevo brasileiro da época era rudimentar, e o Exército e a Aeronáutica precisavam de informações geográficas e topográficas mais precisas, Rondon usou os serviços dos Villas Boas também para este fim. Isso fica claro na carta de 24 de janeiro de 1949, que diz:

"Prezados amigos Villas Boas. Recebi aqui no meu gabinete, trazida por um funcionário do Museu Nacional, a carta de vocês. Ela nos trouxe boas notícias dos desbravadores desses virgens sertões. Agradeço intimamente o oferecimento da flecha com que os Jurunas quiseram manifestar-lhes o receio que tinham da aproximação de vocês da aldeia deles. É muito curiosa a informação que me transmitem de pertencer esse grupo de índios à nação Juruna do Baixo Xingu. Cumpre indagar deles a razão desse desmembramento. Os Camaiurá poderão conseguir deles a neces-

sária explicação. A peça etnográfica que acabamos de receber é preciosa e já está incluída no nosso mostruário. Para completar o seu valor etnográfico, peço informar qual o nome pelo qual aqueles índios denominam a flecha, assim como arco. Igualmente preciso saber, com precisão, a posição do aldeamento em que vocês os encontraram. É a margem do Xingu ou do Maritsauá-Missu? Em que data se deu o encontro? Para sua orientação geográfica e topográfica envio-lhes mapas do Mato Grosso, pelo qual melhor orientação poderão ter das zonas a atravessar até o Rio Tapajós. Reitero o desejo que lhes manifestei de receber as duplicatas dos artefactos indígenas, que forem conseguindo nas suas penetrações pelos vales do Xingu e Teles Pires. Aqui continuo como admirador da abnegação patriótica e amor que dedicam aos nossos irmãos das selvas. Amigo agradecido — Cândido Mariano da Silva Rondon".

Proteção — Na quarta carta, datada de 1º de fevereiro de 1949, Rondon conclui que o Xingu deve ser o pólo central de proteção das nações indígenas. Orlando Villas-Boas disse que a carta sinalizou que "o Xingu deveria ser o eixo da nova política indígena. "Ele queria saber tudo sobre as tribos do Xingu e nos fez entender que deveríamos nos fixar na região", salientou.

Um dos parágrafos diz: "Pelas nossas conversas apreciei o admirável conhecimento que possui (Orlando) da população da região xinguana. Por isso, me expresso em solicitar um relato minucioso da posição topográfica de todas as tribos dos afluentes do grande rio, informação que os Camaiura e os outros índios possam lhe transmitir. Gratíssimo por tudo que me mandar: informações, artefactos indígenas e quaisquer notícia de descobertas novas, antecipo os meus entusiásticos agradecimentos. A si (Orlando) a aos seus irmãos um afetuoso abraço do velho, seu admirador. Cândido Mariano da Silva Rondon". As outras seis cartas seguem praticamente o mesmo tom, sempre ressaltando a necessidade de manter o respeito à cultura dos índios.

Para a antropóloga Carmen Junqueira, do núcleo de pós-graduação de Ciências Sociais e Antropologia da PUC de São Paulo, a correspondência de Rondon com os irmãos Villas Boas é um marco na história indígena brasileira. "Rondon teve a humildade de reconhecer que a sua tese de civilizar o índio estava equivocada. E viu no trabalho dos Villas-Boas, que não permitiam que o homem branco impusesse os seus valores às nações indígenas, a saída para uma política indigenista moderna, que serviu de referência mundial", afirma.

Autora de uma tese de doutorado sobre o sistema político dos índios Camaiurá, a antropóloga Carmen Junqueira conhece bem a estrutura das 17 nações indígenas do Parque Xingu, onde esteve mais de dez vezes. Entusiasmada com as cartas, a estudiosa fez uma análise dos últimos 50 anos da situação do índio brasileiro. "Até o fim dos anos sessenta, havia uma política indígena sólida, bancada pelos Villas Boas; mas depois o quadro foi mudando e a situação se agravando com as invasões de garimpeiros, fazendeiros e traficantes nas terras dos índios", assim ela avalia o trabalho pioneiro dos sertanistas.